

A VELHA GUARDA

ÓRGÃO LOCAL DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUÊS

Editor:

ALCINDO DIAS PEREIRA

Propriedade da Empresa de A VELHA GUARDA

Director:

VITORINO SIMÕES LOPES SAMPAIO

Redacção e Administração: Rua 31 de Janeiro, 165 — Composto e impresso na Tipografia MINERVA VIMARANENSE: Rua 31 de Janeiro — GUIMARÃES

Republica

«A salvação da Pátria está na revolução pela liberdade. A salvação da Pátria está na República. Milhares de vezes se tem dito isto como uma verdade constante, mas hoje tem de dizer-se como uma verdade necessária, imperiosa, — como uma verdade urgente.

No terreno do puro doutrinário nem mesmo os adversários inteligentes da sua implantação no nosso país se atrevem a pô-la em dúvida. Alguns fazem mesmo a sua apologia calorosa. Esses são, de todos, os piores, porque são os mais vis. Admite-se, efectivamente, que um cérebro estreito, uma mentalidade atrasada, não compreenda a superioridade política, social, humana, de um regime como a República sobre um regime como a Monarquia. Admite-se que esse pobre ser, ignorante e tímido, bestificado pela servidão, entorpecido pela rotina, estiolado pela miséria, ame a tal ponto, como dizia Hugo, os seus reis e os seus piolhos, que para conservar uns e outros sacrifique a própria vida.

Mas que uma criatura inteligente, educada, aceite o princípio deprimente do privilégio da soberania conferido a uma família, com tôdas as taras e todos os precalços duma cega hereditariedade; que sirva um regime que, sendo absurdo para a razão humana e afrontoso para a dignidade humana, ainda por cima infelicite, arruine a sua Pátria, e comparando-o com outro que é expressão da vontade nacional, e se baseia no princípio da selecção organizado pelo democrático processo electivo, venha ainda proclamar que elle é o melhor, mas que quer que continue vigorando o pior, — é desfaçatez orçando pelo cinismo, que ainda para mais se complica com as violências do poder constituído».

João Chagas.

(Cartas Políticas — n.º 44).

Falta de protecção aos edificios

escolares

Já em tempos aqui falamos da necessidade que há em cuidar-se mais a sério dos edificios escolares, alguns dos quais representam o quanto possa haver de mais vergonhoso para as entidades que têm por obrigação olhar pela conservação dos mesmos, não os deixando arruinar. As corporações administrativas — com poucas excepções — descuram por completo as reparações dos edificios escolares, que são pertença do Estado, deixando que se tornem impróprios para o funcionamento duma escola, quer no que diga respeito a condições higiénicas e pedagógicas, quer também no que se refira a quaisquer outras. E' um crime, mas um crime imperdoável, o desleixo das entidades referidas, muito principalmente num País como o nosso, onde a percentagem dos analfabetos vai muito além de 50 %. Querer uma escola a funcionar numa casa sem luz, sem ar, sem as condições de segurança precisas etc, é querer *definhar* as pobres criancinhas que passam horas seguidas — ou quasi seguidas — dentro dum *casebre* destes, o mesmo sucedendo aos próprios professores, uns e outros desanimados pelo *mau estar* que sentem, a causa mais próxima que concorre para o despovoamento de certas escolas e para que o professor não cumpra, como deseja e como é seu dever, o espinhoso cargo que desempenha. Por outro lado, temos o desleixo dos senhorios — também com poucas excepções — mas neste caso há uma atenuante a favor dos mesmos, visto que alguns recebem de renda uma quantia tão miserável que nem lhes chega para pagar ao Estado a contribuição do prédio, motivo porque preferem a ruína completa do mesmo à renda que recebem. Em face disto, como pudemos ter muitas escolas e qual o processo para combatermos o *triste e vergonhoso flagelo* do analfabetismo? Evidentemente que o remédio será unicamente este: — haver as escolas precisas, mas sob as condições devidas; obrigar as Câmaras a repararem os prédios do Estado e a elevar as rendas aos senhorios de modo que estes possam tirar os lucros suficientes para o juro do capital empregado, e bem assim para as reparações de que o prédio careça. Só assim alguma coisa de útil, em benefício da Instrução, poderão fazer as corporações administrativas do nosso País, e caso contrário continuaremos a ser um povo sem instrução uma vez que não temos escolas, e porque muitas das existentes tem de ser encerradas por não pudermos, de modo algum, continuar a ser utilizadas para tal fim.

No nosso concelho, por exemplo, algumas foram encerradas durante o ano lectivo findo, cujo encerramento foi determinado pela Inspeção da Região Escolar de Braga, com o aplauso de todos quantos se interessam pela

O Fado em Paris

(Num "restaurant,, de luxo)

*Parára a multidão em frente ao Pocardí:
Cessou o movimento em todo o boulevard.
Estando ainda longe, eu dirigi-me ali,
E à silenciosa foule então me fui juntar.*

*Naquele restaurant já muita vez me vi:
Sua magnificência e luxo não tem par.
Fora disto, porém, nunca me convenci
Que outra coisa pudesse ao povo interessar.*

*Bendita aquela hora em que acudi, ansioso,
Hora de sumo encanto e de supremo gôso,
A ouvir música rara em meio de franceses...*

*Tristes, sentimentais, dolentes e magoados,
Dentro do Pocardí, patricios inspirados
Gemiam à guitarra os fados portugueses!*

COSTA GUIMARÃES.

Telefones Oficina de S. José

Queixam-se muitas pessoas de já há muito terem pago as suas anualidades como assinantes da rede telefónica urbana e não terem ainda as ligações com a Central Telefónica, apesar de já há muito terem as instalações completas em suas casas.

Chamamos para este caso a costumada e atenciosa boa vontade do Sr. Chefe dos serviços em Guimarães, para que rapidamente sejam removidas quaisquer dificuldades, para se evitar queixas semelhantes a esta.

causa da Instrução popular, atendendo a que era completamente impossível manter-se uma escola em semelhantes *pardieiros*, como aqui o dissemos na devida ocasião. Conhecemos muito bem os edificios que foram *condenados*, como também conhecemos outros que o devem ser, se acaso não fôrem devidamente reparados. Felizmente que nos merece a maior confiança o Conselho de Inspeção da Região Escolar de Braga, composto de criaturas que, com o maior zelo e dedicação, se interessam pela instrução do povo. E' de suas excelências que esperamos melhores dias para o que diz respeito à causa da Instrução, sobre tudo no Distrito de Braga, onde a sua benéfica acção muito se tem feito sentir, como oportunamente teremos ocasião de provar aos nossos leitores.

Por isso, só temos a felicitar todos os membros do referido conselho, e dum modo especial os senhores Pedro Veiga e Augusto Gomes de Oliveira a quem temos a honra de conhecer pessoalmente. Um e outro são dignos dos nossos mais sinceros encômios — o sr. Augusto de Oliveira como um chefe exemplar, e o sr. Pedro Veiga como um seu cooperador muito prestimoso.

Mais uma vez se nos oferece ensejo de falarmos desta simpática instituição, altruista e benéfica. E' que, por ocasião das Feiras Francas de S. Gualter, no Largo da República do Brazil, nós vimos o afam com que os rapazinhos desta casa, distribuíam ao público as cadeiras requisitadas, a fim de colherem a pequena esportula tam necessária aquella instituição. E, a propósito não podemos deixar de dizer que nos foi muito desagradavel ver, que, ainda este ano, o numero de cadeiras mandadas ir de diversas casas, para o local dos festivais, foi enorme. Também nos causou tristeza presenciar que, em concorrência com os pequeninos, um cavalheiro com prepondancia no Asilo dos S. P., mandasse distribuir por um asilado dali, cadeiras a varias pessoas! Assim, para beneficio de uma instituição que tam útil é á nossa terra, não devia haver a desleal concorrência que presenciamos, pois só redundou em seu prejuizo, o que é lamentavel.

Oxalá que os corações bem formados se lembrem desta casa, auxiliando-a no possível, pois os seus pequenos componentes, são dignos de melhor conforto.

Este número foi visado pela
Comissão de Censura

Hotel da Penha

Lamentamos profundamente que este hotel, situado numa estância como é a nossa encantadora Penha, não tenha correspondido aos favores do público que o procura, pois, segundo nos informam alguns clientes que lá estão, tem sido pessimamente servidos, tendo de retirar por falta de conforto.

As águas públicas

Quem nos acode? Quem nos acode?

De nada valeu o grito de alarme dado no penúltimo número do nosso jornal.

O «Tio António» do cavaquinho e o da opa e vara, continuam refestelados nas cadeiras a dormir a sua sesta, sem mosca que os encomode.

Nada há que os desperte que os acorde... da mulenga em que vivem...

Sentem-se privilegiados, intangíveis, e não ouvem nem veem...! São ceguinhos, autênticos morcegos a luz do dia...!

Haja o que houver, suceda o que suceder, a sua missão é a de deixarem correr o marfim, vestindo ora a «quinzena», ora a opa.

Mas, isto não pode continuar assim!

A população duma cidade inteira não vai com acordes do cavaquinho nem com cheiro de cêra... E' preciso, urge pôr cõbo a este privilégio dos comodistas que são bem os protótipos dos mentecaptos rabugentos, que são a cópia fiel dos partidários dos «adeantamentos» e que só se favorecem a si e aos seus.

E' bem verdade, meus senhores: ou concertam aquilo que lhes dá interêsse ou deixam ver o favorsinho que os apresente como miraculados do Altíssimo!

E só por milagre se explica a doce paz em que vegetam.

Nada os perturba. Ninguém lhes faz uma referência. Vivem isolados, sem que haja quem os aponte como mandatários ou que cite uma obra de supremo interêsse para o concelho e cidade de Guimarães.

Nas coisas mais rudimentares, são autênticas nulidades; nos problemas de maior vulto, uns ineptos que causa a hilariedade do público.

Toma! Livra!...

Imaginem, caros leitores, e avaliem por este acto que os define bem: não há água para consumo da população nem para ter um depósito em reserva para incendios, mas abunda para mandar lavar as igrejas, durante 2 horas seguidas, com uma mangueira e agulheta que absorveram nada mais nada menos de 150 litros por minuto!...

Foi em S. Dâmaso, tendo já acontecido o mesmo na igreja do Campo da Feira.

— Quem nos acode? Quem nos acode?

As torneiras, como a da antiga Feira do Leite e a da rua de Gil Vicente (isto para falar simplesmente nas do centro da cidade), continuam a despejar dezenas e dezenas de metros cúbicos d'água por dia, sem haver sola que as faça vedar...!

Como compreender tanto desmazêlo?

«Vai-te embora Antonio,
Vai-te embora, vai-te embora, vai...»

A policia italiana descobriu trinta e oito sociedades secretas, que funcionavam sob a orientação de jesuitas.

Coisas e loisas...

Foi decretada, nos estados pontifícios, a pena de morte para todo aquele que tente contra a preciosa existência de sua santidade católica, apostólica, romana — o Papa.

Achamos bem. Contando pelos dedos, tirando os nove fora e a prova rial, verificamos que está certo. Não nos diz o jornal onde isto lêmos qual o método a seguir; mas, se a lógica não é uma batata, a tal batata, pega a gente nas aristotélicas maneiras de raciocinar e ao pôr o dedo do entendimento na morte macaca dos Brunos e dos Galileus, mais uma vez verifica a simplicidade do cálculo e a certeza da conta. Todavia, se ao fim desta viajata pelos campos férteis da lógica, ainda houver alguém de cérebro tacanho ou de espírito anuviado que tenha suas dúvidas ou incertezas, que esse alguém espete o dedo do entendimento no *Requiescat* que a história gravou no túmulo dos Borgias. Feito isto, não há dúvidas possíveis, nem incertezas que subsistam.

Nada teríamos a juntar ao que fica dito, se ao espírito nos não acudissem certas recordações de remotos tempos, que a cinza dos séculos não sepultou ainda embora dia a dia elas se mostrem mais indecisas na memória dos homens.

E' tempo de vermos que as religiões valem pela sua moral. Ritual, cânones, litúrgias, cerimonial, milagres, etc., tudo é fraca urdidura que o mais leve, mas recto, exame de consciência esfrangalhará sem custo. Hapi, o boi Apis, também fazia milagres e não fugiu à lei da morte. Os faraós e os guerreiros egípcios viam os seus deuses tutelares combater a seu lado, e um e outros deram a alma ao Criador. E o esplendoroso ritual, dos filhos do Nilo ao mesmo tempo complicado e solene, não evitou que as divindades egípcias — Deuses e Demónios — deixassem para sempre o mundo, com admirável desprezo pela eternidade que os seus crentes lhes reconheciam. Morreram os deuses egípcios, os Amon e os Pthah, morreram os Baal, e os Zens, Júpiter e Moloch, não porque não fizessem milagres, não porque os seus sacerdotes e os seus crentes os não mimosiassem com seu ritual e sua litúrgica, mas porque, moralmente, esses deuses tinham feito a sua época.

Novas religiões surgiram, novos deuses criou a fértil imaginação dos homens, e de umas para as outras notamos certa evolução, vincado grau de aperfeiçoamento, não no seu ritual, não na sua litúrgia, mas na sua moral. De Géovah para Deus vai infinita distância e é a moral que a marca. Olhamos com certo desdém para os deuses da antiguidade, para as singelas confecções religiosas dos adoradores de Osiris ou de Assur, e só a simplicidade, o empirismo da concepção moral dessas religiões, se assim se pode dizer, é causa dessa nossa atitude. Sim; porque, se nos fôssemos rir do seu ritual, teríamos de rir dos rituais de hoje.

Por um conjunto de circunstâncias que seria longo e fastidioso citar, as religiões são, desde a antiguidade, as naturais depositárias da moral, que durante muitos séculos nelas teve a sua guarda e execução. Ainda hoje nós classificamos as religiões em melhores ou piores, conforme a sua moral. Nem por mais nada elas se nos podem impôr. Ora, se é assim, temos de reconhecer que a decretada pena de morte nos estados papais vem dar nova e forte razão aos que dizem que o catolicismo se afasta, cada vez mais, da moral, sacrificando-a à conservação do que no campo material, no *temporal*, vai angariando, à custa de arranjos políticos, que nada teem de divinos, tão trivialmente humanos são os meios empregados para sua obtenção. A igreja fez-se estado e, como tal, rege-se não já pelo seu poder espiritual, em que não tem confiança, parece, mas por normas arrancadas ao que mais fere as consciências, ao que mais repugna à moral, ao arbítrio, à intolerância, ao despotismo.

Confrontando o catolicismo de hoje, com o cristianismo de ontem, confrontando a moral católica com a moral cristã, notamos a infinita distância a que estão uma da outra: o cristianismo todo singeleza, amor, perdão; o catolicismo todo ambição, intolerância, tirania. Entre um e outro vai a distância que separa a rôla do abutre, a escola da cadeia, o amor do ódio.

Cristo perdôa aos que o matam; mas o papa não. Cristo não quer reinos neste mundo, mas o papa luta para os ter e condena à morte quem atentar contra a sua soberania. Cristo vestia os nus; o papa veste-se com a roupa dos outros!

Onde está a moral do catolicismo? A nosso ver, ou arde nas fogueiras da Inquisição, ou foi fusilada nas guerras religiosas.

Exemplo notabilíssimo de equidade, não só por isso merece menção, mas também, e sobretudo, por vir de onde vem. Já que os homens se afastam das regras da justiça, veem os santos em defeza dela, não vão as boas normas atolar-se de vez no chiqueiro pestilento dos materialismos actuais.

Sabem os leitores que todos os anos, por ocasião da Senhora de Fátima, há desastres por uma pá velha. Camionetes que se despenham, carros que se escangalham, feridos, mortos, aleijados, todo um cortejo de sinistrados a pedir botica, cemitério ou alveitar. E tais proporções o facto atingiu e tão grande foi o rumor, que muitos devotos da santa preferiam ficar em casa a ir levar-lhe seu preito e seu óbulo. Ora, isto era de molde a entibiar a fé; era fundo golpe na crença, em breves dias a traduzir-se nas mais ruinosas conseqüências. Urgia, portanto, pôr cõbro à dúvida que necessariamente havia de surgir nos espíritos, dúvida essa destinada a

vencer, como se ia vendo, todos os anátemas propinados pelos receosos doutores da igreja.

Cogitou a santa, cogitou a celestial côrte, até que se viu que a razão estava, mais uma vez, com o sapateiro de Braga. Ou comem todos, ou há moralidade. Assim mesmo. E já que no caso, moralidade não podia haver, resolvido ficou que todos comessem, a santa e os devotos. A sorte de uns seria a sorte da outra. Os devotos vinham da festa derreados, partidos, mortos? Pois, só havia um caminho a seguir: fazer passar a santinha pelos mesmos transes. Foi assim que, votado o parecer do sapateiro, teve êle completa execução um dia destes, em calma tarde de Julho, por entre cânticos litúrgicos e fanfarronadas de sertaneja música. Serena em seu andar ia a santa, quando um foguete, que pela certa era pedreiro livre, corre para ela e a enlaça na sua baba de fogo. Foi um pavor. A Senhora ardia. Os que levavam o andar, tendo deixado a fé em casa, reclamam aviões para fugir, e, como os não tenham à mão, dão com os calcanhares no fundo das costas. Resignada, a santa cumpre os fados: despenha-se e faz-se em cacos no solo coberto de ervas cheirosas, queimada, partida, morta talvez!...

Que os homens, crentes e descrentes, ponham aqui os olhos, e sem lupa ou telescópio verão o grande exemplo de equidade que de facto lhe vem.

Cantina Escolar Vimaranesa

Colónia de Banhos

Seguiram no passado domingo, para a praia da Povoia de Varsim, 53 crianças de ambos os sexos e que ficam constituindo a Colónia Infantil Vimaranesa.

Acompanharam os pequenos e inquietos *veraneantes*, os professores das Escolas Centrais, Ex.^{mas} Srs. Augusto Montes Guimarães e D. Aida Nunes de Sousa.

*

Pelo C. A. E. foi enviada a diversos cavalheiros e entidades vimaranenses a seguinte circular:

«Ex.^{mo} Senhor.

O Conselho da Assistencia Escolar de Guimarães comunica a V. Ex.^a que instalou na praia da Povoia de Varsim uma Colónia composta de 53 crianças pobres e doentes.

Estão já sob a influencia salutarissima da beira-mar, 53 crianças — filhos mal gerados e mal alimentados da grande familia obreira do nosso centro urbano.

Escassa percentagem seleccionada por inspecção medica numa população escolar de quatrocentos alunos, ela será, ainda assim, um pregão da alma carinhosa dos vimaranenses.

A permanência da Colónia Escolar Infantil neste abençoado sanatório do litoral poveiro, será de 30 dias — o tempo suficiente para que o Sol, o Ar, a Água, façam nessas vitimas inocentes um «milagre» de resurreição fisiologica.

Resta que V. Ex.^a ampare com a sua simpatia e com o seu óbulo esta cruzada — se o punge, como é de crêr, o sofrimento dos nossos mais desamparados, humildes e pequeninos conterrâneos, produtos da rua e da miséria.

Em nome da Colónia Escolar Infantil enviamos a V. Ex.^a e Ex.^{ma} Familia — muito saudar!

Atendendo ao fim altruista a que este apelo se destina, é de esperar que os magnânicos corações dos vimaranenses a quem esta circular foi enviada, a acolham generosamente, concorrendo todos com o seu óbulo, por diminuto que seja.

Agradecimento

A Família do saudoso capitão Júlio Pereira Machado, na impossibilidade de poder agradecer a tôdas as pessoas que a acompanharam na sua dôr, fá-lo por este meio, e pede desculpa se, involuntariamente, alguma falta fez sentir.

Caso escandaloso e revoltante

A prisão das Poveiras

Eternas sacrificadas — escreveu Raúl Brandão, — as poveiras tiram-no à boca para aparelhar o cêsto dos homens: «vendem, carregam as rêdes, lavam-nas, sem um fio enxuto no corpo, metem o ombro aos barcos para os deitar ao mar.

«Acabada a pesca, todo o trabalho cabe à mulher, que fabrica a graxa, que trata dos filhos, que faz rêdes, as lava e as concerta, e que vai vender por esses caminhos fora».

São o exemplo vivo do trabalho, a dedicação extrema, a energia persistente e a abnegação a mais-bela, quando o mar lhes rouba um ente querido.

Pode o trabalho pesado esmagar-lhes o corpo, pode o temporal moer-lhes os ossos ou o sol gretar-lhes os pés e lavá-las em suor, que elas, as poveiras, não desistem da sua tarefa ou faina, e lá vão meter ombro aos barcos, puxar as rêdes, contar o pescado, e vendê-lo por esses caminhos fora...

Introduzem-se por Portugal além, e levam a fatura aonde há fome, porque elas fazem dos pobres o peixe que só aos ricos era acessível, porque elas não pensam na exploração e na ganância como certos potentados que por aí vegetam e a quem o Ex.^{mo} Veterinário faz enterrar, como na sexta-feira passada, o peixe pôdre que havia pôsto à venda.

Pois, apesar do seu sacrificio e da sua benemerência, na semana que findou as humildes poveirinhas fôrão prêsas à ordem da autoridade, simplesmente porque apregoavam mais alto o seu pescado, percorrendo as ruas da cidade — o que causou a indignação geral.

Nunca se presenciou, de facto, uma tão grande violência nem tamanha desumanidade.

A quem devem as humildes poveirinhas pedir uma boa indemnisação por prejuizos e danos causados?

Ao falecido António, de S. Pedro, mais conhecido pelo *Cheira-a-Têstos*?

Porque se não sujeitam ao mesmo castigo, introduzindo recentemente no Código de Posturas, os vendedores que apregoam «carvão de canudo, ou sem êle», uma boa panela de castanhas, ou sem elas, a «fresquinha di a limonada» e o tradicional «mata-lá-bicha»?!

Ou isto de reformar o Código de Posturas só se subintende com as poveiras, para prestar beneficio os vendedores de peixe pôdre?

Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, Casa de Crédito Popular

(Agência n.º 69)

Para os devidos efeitos se anuncia, nos termos do Art. 127 do Regulamento aprovado pelo Decreto n. 8162, de 29 de Maio de 1922, que a partir do dia 18 de Setembro, próximo futuro, se procederá à venda em leilão dos penhores que caucionem os empréstimos efectuados que tenham mais que três meses de juros em atraso. A Agência n. 69 receberá juros em dívida até ao dia 17 de Setembro próximo futuro, depois do que os resgates ou renovações dos contractos ficam sujeitos ao pagamento da taxa fixada para despesas de leilão.

Guimarães e Agência da Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, 16 de Agosto de 1929.

O Chefe da Agência,

Oswaldo Leite Braga.

Excursão à Penha

Promovida pela Sociedade de Recreio Cepanense, com sede na freguesia de Cepães, concelho de Fafe, realiza-se no próximo Domingo, 25, uma excursão à nossa encantadora e soberba montanha da Penha.

A comissão organizadora trabalha activamente para que aos excursionistas não falte o indispensável e fazem-se acompanhar da excelente «Tuna Cepanense» — um soberbo conjunto de executantes, que sob a habil regência do seu consagrado maestro Ex.^{mo} Sr. Candido Mota, deliciarão os numerosos excursionistas com os melhores trechos do seu variado repertório.

O tracto é feito de Fafe a Paço-Vieira em comboio especial e daqui ao cimo da montanha, a pé.

Teatro D. Afonso Henriques

Realizou-se no passado dia 14, o anunciado espectáculo promovido pelo «Grupo Dramático Vimaranesa» em beneficio das obras do «Museu Alberto Sampaio».

Decorreu regularmente, não se podendo exigir mais a amadores pouco habituados ao piso do palco, sendo todos os interpretes muito ovacionados pela assistencia, que, talvez devido à época calmosa que atravessamos, era diminuta.

A musica, sob a regência do sr. Joaquim Guise, pouca mas boa.

Bombeiros Voluntários

Realizam-se amanhã e terça-feira na parada desta corporação, duas grandiosas sessões de cinema e variedades, ao ar livre.

Exibem-se interessantes filmes e os conhecidos artistas *Ema Orlandio* e *Colombino*, apresentam os seus variados trabalhos de *ilusionismo*, *alta suggestão*, *transmissão de pensamento* etc. etc.

Broche

Perdeu-se no dia 16, um broche, em feitiço de cesta, no Toural. Gratifica-se a quem o entregar no Consultório Dentário, do Toural, a Raúl Costa.